

DA SUBSERVIÊNCIA À EMANCIPAÇÃO: UMA ANÁLISE SOBRE AS IDENTIDADES EM *TORTO ARADO*

FROM SUBSERVIENT TO EMANCIPATION: AN ANALYSIS OF IDENTITIES IN *TORTO ARADO*

Daniela Patrícia Pereira dos Santos¹

Recebimento do Texto: 11/04/2025

Data de Aceite: 10/05/2025

Resumo: As identidades das personagens de *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Júnior, são constituídas a partir do entrelaçamento das vivências e convivências dos descendentes de africanos escravizados, submetidos ao trabalho rural, em regime de exploração. O presente artigo pretende analisar os efeitos da diáspora africana e da subserviência dessa população na construção da subjetividade das personagens, considerando que a diáspora e o deslocamento forçado promovem identidades múltiplas (Hall, 2003). Ademais, a análise propõe investigar as vias de expansão da consciência identitária para a emancipação das personagens da narrativa.

Palavras-chave: Emancipação. Identidades. Subserviência.

Abstract: The identities of the characters in *Torto Arado* (2019), of Itamar Vieira Júnior, are formed through the intertwining experiences and interactions of descendants of enslaved Africans, subjected to exploitative rural labor. This article analyzes the effects of the African diaspora and the subservience of this population on the construction of the characters' subjectivity, considering that diaspora and forced displacement foster multiple identities (Hall, 2003). Furthermore, the analysis proposes investigating the ways in which identity consciousness expands for the emancipation of the narrative's characters.

Keywords: Emancipation. Identities. Subservience.

¹ Jornalista, graduada em Comunicação Social com habilitação em jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e mestra em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Sua trajetória profissional inclui a docência na faculdade de jornalismo na Unemat e na Fasul (Faculdade Sul Brasil) e gestão do departamento de jornalismo da TV Centro América, afiliada à Rede Globo de televisão. E-mail: daniela.patricia@unemat.br

Introdução

O estudo da construção do projeto identitário das personagens de *Torto Arado* (2019), pela via da observação da escalada das vivências e convivências entre os resquícios do sistema escravocrata no Brasil, estão no escopo desse artigo que considera o trânsito das ideias de que os sujeitos migrantes promovem identidades múltiplas (HALL, 2003) e, especialmente, em relação com outras identidades e com outros territórios reais ou imaginários (GLISSANT, 2011). O acesso às novas possibilidades de existência são fundamentais para as personagens do romance projetarem um futuro libertário dos traumas gerados pela escravidão do Brasil. Nesse sentido, a percepção da construção das identidades dos moradores da fazenda Água Negra, palco do romance, estimula a uma profunda análise e contribui para o debate sobre a existência e a resistência da população negra no contexto brasileiro.

O romance trata de propriedade e poder no que tange à concentração fundiária e à disputa pela terra ao resgatar a história e o legado da escravidão no país e ao mergulhar nas profundezas do sertão baiano, especificamente na Chapada Diamantina, onde fica Água Negra. A história é contada por três narradoras diferentes em primeira pessoa, as irmãs Bibiana e Belonísia e a encantada Santa Rita Pescadeira. A primeira parte, na voz de Bibiana, é intitulada “Fio de corte”, uma referência ao acidente com a faca que fere a língua das duas irmãs e decepa a língua de Belonísia, em uma representação da mulher negra historicamente silenciada pela sociedade brasileira.

Bibiana passa a intermediar a comunicação da irmã Belonísia que assume a narrativa a partir da segunda parte que tem o mesmo nome do livro, uma menção a dificuldade de pronunciar as palavras torto e arado com a língua mutilada. Por fim, Santa Rita Pescadeira narra a terceira e última parte, cujo título é “Rio de sangue”, uma alusão à morte violenta do militante Severo, marido da Bibiana, ao lutar pelos direitos dos trabalhadores de Água Negra que vivem em condições semelhantes à de escravidão, sem receber salários ou nem nenhum outro direito trabalhista, “Os donos já não podiam ter mais escravos, por causa da lei, mas precisavam deles. Então, foi assim que passaram a chamar os escravos de trabalhadores e moradores.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 204).

As três vozes femininas enaltecem o protagonismo da mulher negra, na contramão do projeto literário brasileiro em que, tradicionalmente, prevaleceu a presença de atores brancos nos papéis principais. Dos romances publicados pelas principais editoras brasileiras, os personagens negros são minoria, apenas 7,9%. (DALCASTAGNÈ, 2012). A considerar o gênero, “a ampla predominância de homens brancos nas posições de protagonista ou de narrador, enquanto as mulheres negras mal aparecem” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 211). A escolha narrativa de *Torto Arado* também é fundamental para a imersão do leitor na história sob o ponto de vista disruptivo em relação aos estereótipos da mulher preta na literatura marcados como mãe preta, empregada doméstica e prostituta (GONZALEZ, 1984).

Bibiana e Belonísia são trabalhadoras rurais, filhas de Zeca Chapéu Grande e Salustiana, netas de Donana e narram os acontecimentos que vão da infância “Quando retirei a faca da mala de roupas [...] tinha pouco mais de sete anos.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 13) à maturidade “essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornando branco” (Vieira Júnior, 2019, p. 170). Santa Rita Pescadeira, por sua vez, por ser uma consciência sem corpo e atemporal, traz informações importantes para a compreensão da trama desde a diáspora africana, “da travessia pelo oceano de um continente para outro.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 243), que provocou o deslocamento forçado dos negros escravizados e fez povoar a região da fazenda Água Negra.

Dessa forma, o enredo se desenvolve em diferentes planos temporais, alterna entre o presente e o passado e, gradativamente, apresenta as pistas para a projeção de um futuro libertário das personagens. Esses sinais para a emancipação são evidenciados na segunda fase quando as irmãs narradoras já são adultas. Antes de deixar Água Negra por determinado período, Bibiana diz que “Aquele sistema de exploração já estava claro para mim” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 83). A alternância de tempo permite que o leitor acompanhe a evolução da constituição da identidade das personagens em “um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto” (HALL, 2003, p. 15-16) ao passo que a identidade coletiva é configurada pelo entrelaçamento dessas vivências e convivências.

A constituição das identidades

Os acontecimentos que atravessam o tempo e o espaço, desde a migração dos escravizados do continente africano até a formação da fazenda Água Negra são permeados pela exploração, violência e sofrimento “Medo dos castigos, dos trabalhos, do sol escaldante [...] medo de existir. Medo de que não gostassem de você, do que fazia, que não gostassem do seu cheiro, do seu cabelo, de sua cor.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 178). Dessa forma, em meio as dores existenciais, as identidades das personagens vão se constituindo. Entre os elementos da constituição identitária, o nome é considerado como parte do sujeito (BALZAC, 1991). Em *Torto Arado*, todas personagens têm nomes expressivos, mas os sobrenomes não aparecem no enredo com exceção de José Alcino da Silva, o Zeca Chapéu Grande, e da família Peixoto, proprietária da fazenda. O documento de identidade, no entanto, a prova de que uma pessoa existe diante da lei é negada a esses descendentes de negros escravizados, principalmente os mais idosos. “De Donana só sabíamos que a chamavam assim [...] Quando morreu, não tinha sequer documento” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 165).

A ocupação é outra característica que compõe o universo da subjetividade das personagens de *Torto Arado* e entrelaça os atores em uma trama de identificação. A matriarca da família, avó de Bibiana e Belonísia, Donana foi a parteira que pegou muitas crianças nascidas na comunidade, “Ela faria os partos das trabalhadoras da fazenda até poucos dias antes de sua morte.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 21) e ensinou o ofício para o filho mais velho Zeca Chapéu Grande, que mais tarde transferiu a missão à esposa, Salustiana. Zeca, além do trabalho na terra, dedicava a vida a ser curador “Eram famílias que depositavam suas esperanças nos poderes de Zeca Chapéu Grande, curador de jarê, que vivia para restituir a saúde do corpo e do espírito aos que necessitavam.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 33).

O Jarê é uma religião de matriz africana desenvolvida por mulheres escravizadas, uma fusão das suas próprias práticas de fé com crenças indígenas, católicas e espíritas, de acordo com antropólogo e pesquisador de religiões de matrizes africanas no Brasil, Gabriel Banaggia (2015). No Brasil, o jarê é cultuado somente na região de Chapada Diamantina, na Bahia, e é, portanto, um símbolo de resistência da cultura afro-brasileira. Em Água Negra, “aquele jarê era tão

antigo quanto a fazenda e os desbravadores daquela terra.” (Vieira Júnior, 2019, p. 80). Dessa forma, a crença religiosa é outro elemento importante na construção da identidade individual e coletiva da comunidade e um recurso utilizado pelas personagens para projetar a emancipação das gerações seguintes.

A respeito do pai, Belonísia diz que “poderia ver em seu semblante a luta que havia travado com as forças da encantada Santa Bárbara para que tivéssemos um destino diferente do seu, para que não fôssemos analfabetos.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 95 - 96). Nesse aspecto, a presença do líder do jarê, o curador Zeca Chapéu Grande na fazenda de *Torto Arado* representa a personificação da resistência do povo negro que migrou de África e assume uma nova identidade, no novo espaço e no “entre lugar”: o lugar onde o sujeito vai constituindo uma nova cultura e um discurso frente às diferenças de raça/classe e gênero (BHABHA, 2013).

Outras evidências de como as identidades são construídas no romance são as marcas nos corpos sofridos e maltratados. Os dedos calejados, as mãos rasgadas, os pés perfurados, a pele ressecada e envelhecida são sinais de como essa população se percebe, aos olhos de Belonísia: “Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos muito cedo, uma atrás da outra, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 119). A cor da pele é outro signo da identidade e da ligação dos sujeitos à ancestralidade africana, Severo tinha “a pele mais negra pela faina debaixo do sol.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 65), Belonísia via uma canoa nos sonhos “desaparecendo num rodaminho de água escura como a cor de minha pele.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 91).

Outros aspectos identitários que atravessam a subjetividade das personagens são os sentidos, “Sofrer, esse sentimento difícil de exprimir e rejeitado por todos, mas que a unia de forma irremediável a todo seu povo. O sofrimento era o sangue oculto a correr nas veias de Água Negra.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 247). As personagens sentiam a dor de ser quem eram desde o nascimento, “Donana não teve autorização para parir seu filho em casa. Zeca nasceu no meio da roça, dentro de um charco, com a ajuda das trabalhadoras da fazenda, debaixo deste mesmo sol que agora fervilhava seu juízo.” (VIEIRA JÚNIOR,

2019, p. 237), e as experiências pelas quais passavam geravam a resiliência para enfrentarem juntos as adversidades impostas pelas condições de exploração a que eram submetidos, “Foi a nossa valência poder se adaptar, poder construir essa irmandade, mesmo sendo alvos da vigilância dos que queriam nos enfraquecer.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 178).

Os laços que ligam os moradores da fazenda em comunidade atravessam gerações e moldam a identidade coletiva. As personagens se preocupam umas com as outras e fazem questão da convivência, “Anos depois do acidente que emudeceu uma de suas filhas, meu pai, incentivado por Sutério, havia convidado o irmão de minha mãe para residir em Água Negra.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 41), e nessa teia de vivências e convivências,

viviam como uma parentela de filhos de pegação, de compadre, comadre, vizinho, marido e mulher, cunhados, primos e inimigos. Muitos haviam casado entre si e eram parentes de verdade, nos laços e no sangue.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.151).

A escassez também une as famílias em uma rede de autoajuda e solidariedade com a condição do outro que era, efetivamente, a condição de todos. Os moradores lutavam pela subsistência e dividiam o sustento sempre que podiam “Passei a levar aipim e batata, a safra estava boa [...] o coração mandava dividir o que tínhamos e por isso sobrevivíamos nas piores dificuldades.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.151).

Nesse aspecto, a sensação de pertencimento a uma família é fundamental para a construção da identidade cultural. O pesquisador e militante político estadunidense Asad Haider (2019) argumenta que todas as identidades são construídas socialmente e que uma luta só faz sentido se for uma reivindicação para o bem comum, para resolver um problema de todos os oprimidos. Em convergência com esse pensamento, os moradores de Água Negra se fortaleciam para juntos reivindicar um futuro libertário.

Severo e Bibiana concordaram que o distanciamento seria necessário para ampliar a consciência do estado em que viviam e deixaram a fazenda, por determinado período. Nos grandes centros aprenderam sobre direitos dos

descendentes de negros escravizados e os caminhos para lutar pela emancipação. Edouard Glissant (2011) explica que as pessoas mudam ao se relacionar com outras identidades e com outros territórios reais ou imaginários.

No retorno à fazenda, o casal apresentou aos moradores novas possibilidades de pensar a existência de todos naquele lugar. Belonísia, ao ouvir a irmã e o cunhado, “Queria escutar cada vez mais as histórias que traziam de suas passagens por outros lugares. Queria ouvir de Severo as explicações para o que vivíamos em Água Negra.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 132 - 133), e tudo fazia sentido “Eram histórias que se comunicavam com meus rancores com todo o sofrimento que nos unia nos lugares mais distantes. Que juntos, talvez, pudéssemos romper com o destino que nos haviam designado. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 132 - 133).

O ato de ressignificar a vida em Água Negra é possível pela via da memória, elemento inerente à construção das identidades. As personagens recorrem às suas lembranças para dar sentido ao presente. Desde o início de sua narrativa, Bibiana se refere à memória, à saudade e ao apego da avó Donana pela fazenda Caxangá, lugar onde viveu antes de migrar para Água Negra: “não gostaria de ter que se desfazer de suas lembranças por completo, porque a mantinham viva” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 16). Ao acessar o passado, a avó de Bibiana e Belonísia vislumbrava o futuro, “queria ensinar [às novas gerações] para que se desenvolvessem sozinhas no mundo, para que ajudassem aos que precisassem” (Vieira Júnior, 2019, p. 238). A figura de Donana significa um ponto de convergência entre a tradição, a sabedoria ancestral e a resistência, queria que as netas “procurassem pela liberdade que lhes foi negada desde os ancestrais” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 238).

A transmissão dos saberes ocorre entre as gerações dos trabalhadores de *Torto Arado* pela via da oralidade, seus conhecimentos sobre a terra, as ervas medicinais, os costumes, os ensinamentos agregam para as construções das identidades das gerações seguintes. Belonísia aprendeu que não há “Nada que uma mulher não possa dar jeito, assim haviam me ensinado” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 110) e tomou para si a sua forte personalidade ao acionar a memória e a ancestralidade enquanto enfrentava a convivência difícil com o marido Tobias.

Dali a pouco esse cavalo iria me bater igual ao marido de Maria Cabocla. Mas eu já me sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas (VIEIRA JÚNIOR, 2019 p. 121).

Donana é um símbolo de resistência e de sabedoria ancestral, enfrentou adversidades ao longo da vida e queria um futuro para as netas diferente da própria sina “De fazenda em fazenda, de Caxangá à Água Negra, havia vivido uma vida cativa. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 238). Sua presença inspira as netas a buscarem sua própria autonomia e a desafiar as normas sociais. “Queria vê-las livres, senhoras do próprio destino.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 238).

Todos esses componentes do projeto identitário das personagens perpassam o romance, no entanto, é na relação íntima com a natureza, especialmente com a terra, que a construção das identidades é alicerçada.

A relação indissociável entre sujeito e lugar

Em *Torto Arado*, a terra transcende o papel de recurso natural e ocupa o centro da narrativa, é em torno da disputa do território que a trama é amarrada. A descrição do espaço, da região, do lugar e da paisagem são fundamentais para a compreensão da existência dos moradores da fazenda e das suas subjetividades. Nessa perspectiva, as identidades individuais e coletivas podem ser consideradas também com uma marca do território visto que localmente os sujeitos compartilham a língua, os costumes, a crença, os saberes. A relação dos personagens de *Torto Arado* com a terra pode ser compreendida como a forma de estarem no mundo, é indissociável à existência.

A relação do sujeito com a terra começa, no romance, pelo título. As palavras torto e arado remetem ao trabalho com o solo, “Me deleitava vendo meu pai conduzindo o arado velho da fazenda carregado pelo boi, rasgando a terra para depois lançar grãos de arroz em torrões marrons e vermelhos resolvidos.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 127). A ligação inerente da presença humana com o território é registrada em várias partes da narrativa. Belonísia chegou a enfatizar

que jamais iria embora de Água Negra mesmo se o marido fosse expulso da fazenda por má conduta. “Já havia decidido que, caso isso ocorresse, não iria embora do lugar em que nasci.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.136).

Essa dinâmica que liga o sujeito à terra é questionada a todo momento pelos descendentes de escravizados que foram tirados “a força” de seus chãos pelo processo da diáspora africana e que, historicamente, foram condenados a “lugar nenhum”. Ao fim do sistema escravocrata, os libertos não tinham para onde ir. Em Água Negra, esse “lugar nenhum” é nomeado pela expressão “viver de morada”. “Um dia, meu irmão Zezé perguntou ao nosso pai o que era viver de morada. Porque não éramos também donos daquela terra, se lá havíamos nascido e trabalhado desde sempre.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 185).

A origem da Fazenda Água Negra é camuflada pelas estratégias de colonização: “Sabíamos que a fazenda existia, pelo menos, desde a chegada de Damião, o pioneiro dos trabalhadores, durante a seca de 1932. A família Peixoto havia herdado terras das sesmarias.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.176). As sesmarias eram porções de terra inexploradas e redistribuídas pelo governo português como método de incentivar o processo de colonização. Quando a fazenda foi vendida, “Os herdeiros da família Peixoto envelheceram, e os seus filhos e netos não queriam continuar com a propriedade Água Negra.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 176) a negociação ignorou a presença das famílias que viviam na propriedade e tiravam o sustento daquele pedaço de chão: “Os mais velhos nos conheciam, mas os mais novos nem sabiam quem éramos, embora não tivessem dúvida de que se tratava de um problema aos seus negócios.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 176). Nesse novo cenário, a percepção dos moradores do quanto eram inferiorizados cresceu: “Foi com as casas de barro e nossos corpos como mobília que venderam a terra a um casal com dois filhos.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 176). O novo dono tinha vários planos para extrair riqueza da terra, no entanto, em todos os projetos anunciados os trabalhadores não eram considerados:

Em nenhum dos seus planos o povo de Água Negra tinha lugar. Eram meros trabalhadores que deveriam ser deslocados para dormitórios. Deveriam viver efetivamente longe da fazenda, porque eram intrusos na propriedade alheia (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 211).

Diante da possibilidade do despejo, os trabalhadores liderados por Severo e Bibiana começavam a pensar em novas possibilidades de existência naquele lugar e a negar as condições de subserviência ao sistema de exploração. Severo iniciou o discurso reivindicatório: “Queremos ser donos de nosso próprio trabalho, queremos decidir sobre o que plantar e colher além de nossos quintais. Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 187).

A partir de então, Severo acompanhado da esposa Bibiana inicia reuniões para conscientizar os moradores de que tinham direito à propriedade, então colheram assinaturas para criar a associação de trabalhadores para decidir pelo futuro dos moradores naquele lugar. Em meio aos conflitos de interesse entre os trabalhadores da fazenda e os novos proprietários, Severo foi executado a tiros. “Severo morreu porque pelejava pela terra de seu povo. Lutava pelo livramento da gente que passou a vida cativa. Queria apenas que reconhecessem o direito das famílias que estavam há muito tempo naquele VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 207).

O assassinato significa uma tentativa de calar não apenas a voz do líder, mas de toda a comunidade. Bibiana assumiu a responsabilidade de conduzir a luta pela terra em favor dos trabalhadores. “Mas não irão nos dobrar. Não deixaremos Água Negra”. (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 211-222). Nesse ponto, os moradores já tinham consciência de quem eram na condição de descendentes de negros escravizados. “Não podemos mais viver assim. Temos direito à terra. Somos quilombolas.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, 187), apesar de Água Negra não ser considerada historicamente um quilombo, local onde se concentravam negros que fugiam da escravidão e se juntavam em grupos para resistir à recaptura durante o período colonial, no entanto Bibiana tinha uma certeza “Mas a nossa história de sofrimento e luta diz que nós somos quilombolas, disse, tranquila, diante do escrivão e do delegado.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 256).

A convicção de Bibiana, enquanto líder comunitária, encoraja às pessoas a assumirem suas identidades e a perceberem as novas possibilidades de existência em suas subjetividades. Ao incorporar o conceito de quilombolas, os trabalhadores de Água Negra passam a experimentar um novo patamar nas relações sociais. Esse ápice da narrativa desloca o pensamento do leitor para a urgência da necessidade de fazer justiça às personagens que representam a população historicamente

oprimida e subalternizada pelo dominador, nas relações de poder. Quando Bhabha diz “Quero que você me toque no meu lado de dentro e me chame pelo nome” (BHABHA, 2018, p. 38) está evocando o reconhecimento do indivíduo em sua subjetividade, conforme os personagens de *Torto Arado* vivenciam ao expandir a consciência e compreender que são quilombolas.

A partir desse entendimento, de quem são enquanto comunidade, a identidade coletiva é consolidada e os trabalhadores passam a ser ouvidos pelos funcionários de órgãos públicos que vão até a fazenda para conduzir o processo de reintegração de posse solicitado pelo proprietário em resposta à construção das casas de alvenaria que os moradores começam a construir. Um ato improvável, o de falar e ser ouvido, para um povo silenciado por séculos pela sociedade brasileira e pelas suas representações artísticas, inclusive pela literatura hegemônica.

Nesse aspecto, é notável em *Torto Arado* uma subversão nas normativas comumente adotadas pelas obras literárias de negar o lugar de falar à negritude, em especial a mulher preta (DALCASTAGNÈ, 2012). Nesse sentido, a crítica literária Gayatri Spivak (2010) argumenta que a mulher quando tenta verbalizar não encontra meios para se fazer ouvir. Na contramão desse fluxo discursivo, duas mulheres pretas, Bibiana e Belonísia são protagonistas, narradoras e ícones de uma geração que desperta contra a injustiça social a que seu povo é historicamente submetido e luta contra essa condição. Ao abrir um espaço de fala aos sujeitos originários da diáspora africana, *Torto Arado* preenche uma lacuna discursiva no meio social brasileiro em que, historicamente, prevaleceu a história da ocupação do território brasileiro contada pelo viés do colonizador.

Considerações finais

O leitor pode perceber a expansão da consciência quilombola, que resultou no discurso emancipatório das personagens, pelo escalonamento da estrutura narrativa que segue uma lógica cronológica. Em um primeiro momento, as personagens interagem em uma atmosfera de submissão normalizada, sem a clareza do quanto são exploradas “Poderia comer e viver da terra, mas deveria obediência e gratidão aos senhores.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p.183). Na segunda fase, a narrativa leva o leitor a reparar um embate entre as gerações que resulta nas

novas possibilidades de pensar a vida em Água Negra “Era um desejo de liberdade que crescia e ocupava quase tudo o que fazíamos. Com o passar dos anos esse desejo começou a colocar em oposição pais e filhos numa mesma casa.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 187). Depois, os moradores começam a compreender o quanto são explorados para atender interesses econômicos dos patrões e a questionar o direito à propriedade. “Queremos ser donos de nosso próprio trabalho [...] Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 187). A escalada dos acontecimentos clareia a percepção das personagens e do leitor para a chegada do futuro libertário da comunidade associada à posse da terra.

O autorreconhecimento da condição de quilombolas preenche nas personagens um vazio identitário e inaugura uma nova etapa na existência dos moradores de Água Negra. A Constituição Federal (Brasil, 1988), no artigo 68, estabelece que “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos.” A identificação do sujeito como quilombola é autodeclaratória a partir das relações que esses grupos estabelecem com o território, com laços familiares daqueles que coabitam o espaço, com as tradições, costumes e práticas culturais ligadas à ancestralidade africana. Na trama, o reconhecimento das próprias identidades tirou da invisibilidade os descendentes de negros escravizados, eles passaram a ser reconhecidos e nomeados: seriam os quilombolas, aqueles que vivem em quilombos.

No Brasil existem quase quinhentos territórios quilombolas oficialmente constituídos, de acordo com o IBGE. Essas comunidades estão espalhadas em vinte e quatro estados brasileiros e no Distrito Federal. A maior parte dos quilombos está na Bahia, seguida pelo Maranhão, Minas Gerais e Pará. Água Negra representa esses quilombos, territórios de resistência dos afro-brasileiros que desfrutaram de um lugar para existir, apesar do racismo, da discriminação, do preconceito que perpetuam contra o povo negro em todas as regiões do país. A conquista do território só foi possível porque a comunidade se uniu em torno de um objetivo comum: o direito à terra. Ao juntarem as vozes em um discurso unificado, os moradores enfrentaram aqueles que se diziam proprietários da terra, apesar de nunca terem trabalho nela.

A família Peixoto queria apenas os frutos de Água Negra, não viviam a terra, vinham da capital apenas para se apresentar como donos, para que não os esquecêssemos, mas, tão logo cumpriam sua missão, regressavam.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, p. 54).

Juntos, o povo negro ganhou força ao acessar as suas subjetividades, a escalar suas percepções identitárias e ao crescer em consciência para tomar posse da condição de quilombolas e assim reivindicar o direito à terra. Não por acaso, a última frase da obra literária é definitiva: “Sobre a terra há de viver sempre o mais forte.” (VIEIRA JÚNIOR, 2019, 262).

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais**. São Paulo: Senac, 2002.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, História e Política: Literaturas de língua portuguesa no século XX**. SP: Ateliê, 2007.

BASTIDE, R. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo, Perspectiva, 1973.

BERND, Z. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

BALZAC, Honoré de. “Z. Marcas”. In: BALZAC, Honoré de. **A comédia humana**. Estudos de costumes: cenas da vida política; cenas da vida militar. Orientação, introdução e notas de Paulo Rónai. São Paulo: Globo, 1991. v. 12.

BANAGGIA, Gabriel. **As forças do jarê: religião de matriz africana da Chapada Diamantina**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** de 1988.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro, Editora da UERJ, Horizonte, 2012.

DUARTE, E. A. **Literatura, política, identidades**. Belo Horizonte, FALE / UFMG, 2005.

FANON, F. **Os condenados da terra**. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.

FREYRE, G. **Casa grande & senzala**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Lisboa: Sextante, 2011.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista ciências sociais hoje, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta, 2019.

IBGE EDUCA. Quilombolas. IBGE, 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/22327-quilombolas.html>. Acesso em: 28 out. 2024.

MEMMI, Alberto. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SAID, Edward. **O choque de definições**. In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras: 2003.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.